

Atena
Editora
Ano 2021

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Isadora Bonfim Nuto
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-637-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.376212710>

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva (Organizador). II. Vale, Kamilly Souza do (Organizadora). III. Título.

CDD 618.9289143

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com amor,
à Helena Vale (*in memoriam*)

PREFÁCIO

Ater-me à linguagem de uma obra, naquilo que posso apresentá-la ou presentá-la, implica, antes de qualquer exposição minha, na humilde assunção da linguagem como senhora última de nossa construção e abertura ao mundo. Assim, olhar e dizer estão carregados de uma implicação hermenêutica, à medida que como seres humanos somos linguagem e mundo em interatividade transformadora. O desafio hermenêutico se constitui na produção de exatidão de sentidos: aqueles que repousam sobre a produção – intencionando quem lê; sobre os autores – intencionando seus objetos e, para muito além, o sentido transcendente imposto pela fusão da obra e leitor na necessidade de ida à escrita, aos objetos dos autores e aos próprios objetos, produzindo então novos sentidos e novas construções.

Assim, a medida exata do entendimento de quem apresenta e introduz não faz jus à qualificação que será produzida no encontro com o leitor. Sugiro que cada leitor se deixe visitar pelos vários capítulos, ingenuamente, para posteriormente consultar as possibilidades de ser a partir daí mesmo, acenando a si com novos horizontes e possibilidades. Uma das características epistemológicas da Gestalt-terapia é sua condição moldável, sua plasticidade ou flexibilidade como queiram alguns e outros que, devido a isso até mesmo chegam a considerá-la sem epistemologia. Se a episteme seria uma dimensão que aprisiona e polariza, então a Gestalt-terapia é a-epistêmica sim, e eu ousaria dizer, anti-epistêmica, por aceitar sempre a introdução de novos e diversos pensamentos, ainda que mantenha sua identidade.

Mas a tecitura dos capítulos poderá falar por si, e eu por eles em mim, ao passo que cada “apresentação” poderá, dar-se como o presente mesmo, como um prenúncio do ganho – aqueles que por vislumbre identificamos ser saciedade, o encontro do adejo no emaranho, a descoberta da preciosidade ainda mesmo sem se saber da permanência da busca; e assim dando a todo inaugural da linguagem, a certeza do instante. Dizer é fixar sentidos. Mas a palavra bem dita os torna brevemente fixos, apenas para em alguns instantes calar fundo e fazer calar para, em seguida, erigir e destruir mundos. Assim os temas se seguem e nos seguem. Vejamos.

Podemos, podemos sempre como psicoterapeutas, estudiosos, cientistas que somos, supor que a violência entre os casais (seria toda forma de violência?) está alicerçada em padrões sociais mais amplos. Mas, aqueles que testam essa hipótese e a verificam em um trabalho profícuo, esses são os gestalt-terapeutas que em grupo, no grupo e para o grupo elegem a ação efetiva de uma Gestalt-terapia que, ainda que posa estar se perdendo de sua origem grupal, guarda-se na intersubjetividade como princípio epistemológico irreversível. Assim é que *Kamilyly Souza do Vale*, no *primeiro capítulo* expõe

um de seus trabalhos com casais em situação de violência conjugal, passando brevemente pelo histórico da psicoterapia de grupo, pela história e alguns princípios da psicoterapia de grupos gestáltica, os elementos constitutivos da psicoterapia de curta duração com grupos da Gestalt-terapia, desembocando naquilo que coroa o trabalho efetivo de um gestalt-terapeuta: desfazer as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar os modos de violência, nesse caso, entre o casal. É em grupo que os casais podem se ouvir, no sentido de uma escuta que é de alguém, para alguém, por algum motivo, de algum modo e, para ser refletida sobre o modo de atuar na vida com o objetivo de reconhecimento e superação.

Curiosamente, casos clínicos não são frequentemente publicados em Gestalt-terapia. A despeito da consideração dos motivos, posso afirmar que há algo de ousado em mostrá-los, comparável ao supervisionando que apresenta seu caso em um grupo novo, temeroso dos olhares, da austeridade dos colegas e da profundidade da análise do supervisor. Mas no *segundo capítulo*, *Lázaro Castro Silva Nascimento* eleva seus supervisores e colegas à potência da infinitude, quando publica o caso de Franklin. Aos poucos pode-se perceber que sua ousadia de publicação é a mesma que o fez atender Franklin, sendo o leitor lentamente agraciado com o cuidado amoroso na condução e relato do caso, ao passo que revela suas intervenções sem, contudo, restringir-se à psicopatologia ou à técnica como elementos definitivos do processo. É a *relação*, associada a um olhar tecnicamente competente, mas antes e sempre a relação a produtora de mudanças significativas. E por falar em técnica, podemos finalmente perguntar qual o papel da técnica em Gestalt-terapia? Podendo ser compreendida como uma extensão do humano ou como o aprisionamento do ser, a técnica parece desfrutar de uma condição ambígua, de mocinha e vilã, quando referente às abordagens humanistas, em função de sua herança cientificista e também do comprovado auxílio que parece promover na atuação psicoterápica. No citado caso exposto por Lázaro, o autor apresenta o “mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico”, dando-lhe ao mesmo tempo uma condição técnica e experimental. É exatamente o caráter experimental (não-determinístico, intuitivo, compartilhado, entre outros aspectos) que dá ao procedimento sua condição de libertação dos ranços da técnica. Desejo que próprio leitor faça sua apreciação dessa condição.

E dentre as condições a que estamos lançados, a violência, essa dos primórdios em que o homem se registra como homem, aparece como instituinte e reguladora do poder entre pessoas, grupos e nações, e nos impõe a pergunta se teremos mesmo elucidado suas facetas, suas minúcias e, principalmente sua origem, de forma que possamos nos perguntar como contribuir para mitigá-la. É nessa direção, de contribuição para uma perspectiva distinta e, por isso mesmo, necessária que *Leda Mendes Gimbo*, no *capítulo 3* faz sua exposição, caracterizando a violência como um hábito, mas não apenas aquele que se instaura na vivência individual e sim aquele instituído por macropolíticas, como forma de dominação de sociedades e grupos inteiros. Delineando a teoria do *self* em sua condição

necessariamente fenomenológica, a autora expõe minuciosamente essa pertinência e demonstra o modo de um fenômeno social se configurar como hábito, aparecendo por fim na teoria do *self* em sua dimensão individual. Afim com essa perspectiva, o *self* é reafirmado como um sistema de contatos e não como instância, a violência é situada na dinâmica entre as funções id, ego e personalidade, mas também vinculada a hábitos introjetados e repetidos historicamente, a serviço de fracasso ou sucesso social. Surgindo dessa forma, parece impossível mitigá-la, dados os caracteres antropológico e histórico a que a violência é tributária mas, afim com o *ethos* gestáltico, a autora evoca a insubmissão e a recusa *como possibilidades libertárias e criativas* dentro de uma condição clínica, afim com princípios éticos gestálticos e propensos a não se confirmar um fazer psicológico conivente e reforçador de injustiças.

O capítulo 4, de Alberto Heller, traz-me um pensamento que há muito me acompanha e que ainda não sei exatamente como implementá-lo: está na hora de musicar a vida, a partir dos infinitos silêncios que a inauguram. Exatamente essa ideia de uma escuta do inaudível está exposta em todo o seu texto, afirmando a necessidade de interposição de sentidos ou resgate das sensações intermodais (tatear com os olhos, ouvir com o corpo, ver com os ouvidos) de se entender o ouvir para além da escuta do senso comum e do sentido comum das psicoterapias. Está instituído um modo de escutar em psicoterapia que fixa a atenção no bem-dizer, nas regras gramaticais da língua, nos modos permitidos de expressão, na semântica necessária, na lógica causal e no ritmo vigente, de forma que a dança necessária entre sons e silêncios, entre o silenciamento do psicoterapeuta e sua escuta qualificada (inclusive para o não saber o que ouvir) estão tolhidos e abolidos do processo psicoterápico. Alberto, realiza uma série de exames dos termos ouvir, escutar e auscultar, vinculando seu sentido ao estar aberto, à obediência corporal necessária para que o psicoterapeuta deixe de prioritariamente escutar a si mesmo para escutar o outro. É dessa maneira que incorpora o “estranho” ao processo psicoterápico, analogamente à música que está com as janelas abertas para ruídos e sons imprevisíveis, dando a eles abrigo como se abriga um viajante (*êthos*) e assim possibilitar a escuta do não-eu; afirmando então esse radical não-eu que se abre para onde o outro quer levar o terapeuta e não para onde esse técnico o quer conduzir. Ainda resta em aberto a clarificação daquilo a que a escuta terapêutica se refere, em que Alberto contribui com a necessidade de se fazer parte da *dança, do quadro, da música, da cena*.

Há ainda muito o que ser ouvido, e muito mais ainda a ser selecionado para ser ouvido. Afim com essa constatação *Isaura Caroline Abrantes Silva e Welison de Lima Sousa* dirigem seus ouvidos para o inaudível, o invisível, o indizível. Imagino uma situação corriqueira, ao final do dia, em que uma pessoa pergunta a outra onde ela vai, com a resposta também costumeira de um “para casa”. Como seria não ter a casa para ir? Como seria não poder morar em nenhum lugar? Apenas por imaginação poderíamos sequer nos

aproximar da vida de pessoas em situação de rua. No *capítulo 5* os autores fazem um exame da condição das pessoas em situação de rua estabelecendo relação com a clínica gestáltica, enfatizando o entendimento da rua não apenas como o lugar da falta – evidente na ausência de moradia, de alimentação, de poder econômico, de políticas públicas – e que revela a exclusão econômica e política, mas também o lugar da presença e das potências: lugar de relações sociais onde se produz junto/com. E é nessa condição que apresentam a Redução de Danos como ferramenta política para pensar a clínica do sofrimento e o fazer do Acompanhante Terapêutico para o resgate de uma dimensão ética pouco abordada em Gestalt-terapia. O propósito é a provocação de um desajustamento criador: o construir de novidades que, com o suporte do campo, dê a psicoterapeuta e paciente a presença no invisível, o deserto das representações também chamado de vazio fértil. A Gestalt-terapia precisa repensar seu fazer? Sim, na medida em que possa estar a serviço dos imperativos e pedidos neoliberais de produtividade. A clínica então, deve servir ao não servir. Haverá nesse contexto, maior serventia que essa?

A resposta sobre a serventia de uma clínica fundada no vazio fértil traz à tona outras buscas, outras possibilidades de fazer da Gestalt-terapia. É mais uma vez o contato com a emergência e dessa vez da solidão do ato terapêutico que a discussão sobre a formação, eu me digo melhor, sobre a contínua e nunca acabada transformação do gestalt-terapeuta em ser si mesmo que a *intervisão* irrompe como ato, como possibilidade e com diferenças notórias em relação aos outros campos de construção e reconstrução do gestalt-terapeuta. No *capítulo 6*, *Natascha Bravo de Conto e Dafne Thaíssa Mineguel Assis* examinam a *intervisão* e a diferenciam do processo de psicoterapia e da supervisão, apontando as singularidades que, fundamentadas em uma relação dialógica, fazem surgir o ser dos psicoterapeutas com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. É a partir de uma relação não hierarquizada, sustentada no diálogo e na troca genuína que a *intervisão* se torna esse espaço complementar da psicoterapia e da supervisão onde emergem as potências e as nuances construtoras da história e trajetória dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a metáfora pertinente é de artistas que compartilham um trapézio e precisam equilibrar-se juntos e confiar na presença do outro para as manobras, ao mesmo tempo dotadas de destreza, mas também de saltos onde se acredita estar o outro ali, bem à mão e literalmente à mão, para ser o suporte condutor ao término do movimento. Dessa maneira beleza e risco se confirmam como necessários, mas também se sustentam na possibilidade de ser enquanto simples simetria.

E de quantas experiências precisaremos para sermos o efetivamente denominado de psicoterapeuta? Se olharmos para as pedras que compõem uma ponte, perguntaremos quem faz a suficiente sustentação: arco ou pedras? A resposta parece estar na superação da dicotomia, lugar onde pedras e arco “desaparecem” para aparecer a ponte. Assim, a partir de um caso (mais uma pedra?) é que *Lílian Vanessa Nicácio Gusmão*, no *capítulo 7*,

apresenta o acolhimento, a construção de desejos, a interlocução solidária, os sentimentos, valores e pensamentos compartilhados, apenas para recuperar uma pessoa (ou seria o próprio arco?). Uma pessoa que precisou vencer a dicotomia de ser adulto ou ser criança exatamente por, durante um longo tempo de sua vida, ter feito introjeções disfuncionais reveladas numa gastrite, na banalização da vulnerabilidade para evitação dos conflitos. Curiosamente, é no resgate e possibilidade de enfrentamento dos conflitos que o paciente de Lílian pode se expressar, e passar pela efetiva experiência de inclusão no colo da psicoterapeuta, lugar de cuidado e de segurança, onde pode também experienciar-se de forma plena. Experiências traumáticas são revisitadas por Lílian e seu paciente, atualizadas na dimensão do aqui e agora, conferindo a possibilidade do apoderamento de si mesmo. Sim, o leitor verá como o arco e as pedras desapareceram; vislumbrará apenas a ponte, quer seja figura a terapeuta, o cliente ou, ainda quem sabe, tudo isso junto.

E dessa noção de fixidez instalada em nossa necessidade de estabilização do mundo, perdemos a dimensão da unicidade quando somos obrigados a nos “desterritorializar”. A maioria de nós não sabe o que efetivamente é ser um estrangeiro, experienciar a perda de cidadania e de direitos em seu país de origem e novamente ser submetido a essa experiência no país onde se pediu abrigo. Com uma contribuição de combate a essas vivências, *Elis Moura Marques* no *capítulo 8* aborda a experiência de pessoas migrante e refugiadas venezuelanas no Brasil. Entender as dificuldades e sofrimentos, aquelas inerentes a toda e qualquer pessoa em estado de crise, é uma tarefa inerente ao gestalt-terapeuta; e é ainda mais sua tarefa compreender as especificidades sofridas em cada situação particular de sofrimento, com o objetivo de tornar, por um lado, mais apropriada a ação de cuidado, por outro, mais artístico nosso trabalho, no sentido de fazermos uma adaptação do conhecimento geral e sistemático à unicidade e singularidade daquele que se nos apresenta. Através do relato de três situações clínicas, Elis nos coloca em contato próximo à experiência de sofrimento dos venezuelanos refugiados no Brasil. Importante ressaltar o modo como aproxima a necessidade de uso do conhecimento gestáltico no trabalho com essas pessoas, através inicialmente do resgate histórico de desterritorialização experienciada por Perls e Laura, através da apropriação do fazer gestáltico como de um cuidador dos vínculos e das relações antropológicas. É assim o estabelecimento de auxílio para a restituição da autonomia perdida pela xenofobia, caráter agravador de sofrimentos anteriores e inerentes a todo e qualquer ser humano, mas que nos preconceitos impostos é potencializado e faz subsumir aspectos saudáveis desse outro em generalizações desqualificantes.

Entendo ser necessário aprender para estar com o diferente, o novo e o inusitado e, nessa perspectiva, a aprendizagem, objeto de estudo de tantas facetas, tem uma leitura particularmente gestáltica no *capítulo 9*, quando *Ana Karina El Messane* examina os impedimentos de caráter afetivo presentes no processo de aprendizagem. A confluência,

um dos modos de impedimento do contato, é considerada naquilo que gera dificuldade no aprendiz em ser o autor de seu próprio pensamento. Articulando as formas de evitação do contato com a Epistemologia Convergente, com a Gestalpedagogia como forma de Epistemologia Integrativa, Ana Karina apresenta um caso onde demonstra a forma como o conhecimento é fruto da relação, da experiência vivida onde sujeito, objeto, eu, outro e mundo caminham lado a lado, mas para além disso, transcendem as dicotomias entre partes-todo, exatamente por ser dotado de interconexões da ação humana com o ambiente, os processos sócio-históricos e a cultura. Nota-se o modo como os pais de seu paciente puderam compreender seu lugar e seu papel de confirmadores do filho, dedicando-se à nutrição emocional, imprescindível para revelar o escutar, o ver, o pensar, o refletir como processos fundamentais da aquisição de autonomia para a criança ser construtora não apenas do conhecimento próprio, mas de sua própria vida. A dimensão emocional torna-se assim o objetivo fundamental da aprendizagem como forma de integrar corpo e emoções com o processo cognitivo. Mais uma vez, em uma dimensão educacional, poderá o leitor perceber que a integração se torna o princípio e fim do processo de criação, sustentação e crescimento humanos.

Se a integração aqui e ali se apresenta como um elo necessário de toda ação em psicoterapia, particularmente o fluxo, esse deixar-se conduzir junto com, sem jamais ser meramente passivo, essa arte do encontro consigo e com a própria vida que sempre se revela no outro, adquire novas roupagens quando a criatividade é sentida sob a pena de *Wanne de Oliveira Belmino*, no capítulo 10. Acredito ser o capítulo que ilustra de maneira integrada a necessidade que se articulem fluxo e criação, onde o ser cíclico do feminino é necessariamente considerado. Wanne, de maneira artística e reflexiva, olha para seu próprio fluir, seu modo cíclico de estar no mundo e em si mesma. O feminino que há em todos nós – negado sob a visão machista – precisa ser reconsiderado a partir daquelas detentoras de maior pertinência nesse dizer: as próprias mulheres. E como mulher Wanne reflete sobre um aspecto às mulheres concedido, o de substituição do masculino, mas sendo ele mesmo impeditivo da aparição de suas singularidades, ao passo que faz emanar a rigidez típica do masculino. Como consequência, o adoecimento, a discriminação salarial, as pressões sociais, a precarização do trabalho e o acúmulo de tarefas eclodem em uma dimensão ambígua: se por um lado confirmam o “avanço” feminino em suas conquistas, por outro a solapam peculiaridade desse feminino e negam o reconhecimento da dimensão cíclica de suas energias físicas e psíquicas. É urgente reestabelecer um fluxo saudável, resgatando assim as múltiplas partes do feminino que dialoga sabiamente com a noção de crescimento em Gestalt-terapia, tendo exemplarmente no período menstrual uma importante metáfora da autorregulação orgânica. Ficar no vazio, permitir-se o contato, o emergir de algo, ainda que embrionário, fluir com o emergente e transfigurá-lo em expressões significativas, respeitando a própria criação e em direção a algo integrador e

complementar: eis o processo criativo em sua ciclicidade. O nada se apresenta como prehe de possibilidades e estas anunciam e completam o ser.

Essa obra então se configura por esses dez capítulos, dez convites, dez diálogos em integração. As experiências de seus autores (ex-peri-ência: sair de seu próprio ser) adquirem maior sentido quando revelados na forma de escritas, na maioria delas dizendo “olha o que eu vivi” e imediatamente se transformando em vivência do leitor, se atualizando na possibilidade de novos vividos. A experiência sugere a repetição, a vivência inaugura a singularidade e o novo. Assim, leitor e autores se integram na permissão dada de experiência e vivência. Enquanto linguagem, nos expressamos nas palavras, no corpo e na transcendência dessas dimensões a que preferimos sempre chamar de “ser”.

Silverio Karwowski

setembro de 2021.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFU, autor do livro Gestalt-terapia e Fenomenologia, Diretor do IGC – Instituto Gestalt do Ceará e professor universitário.

APRESENTAÇÃO

Movidos pelo desejo de dar continuidade ao objetivo de fomentar espaços de interlocuções entre profissionais de diferentes regiões do Brasil e que tem a abordagem gestáltica como suporte teórico, apresentamos o livro *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. A proposta desta obra contempla a díade teoria-prática através dos escritos que são frutos de reflexões e experiências vivenciadas pelas autoras e pelos autores. Cada um com sua bagagem profissional e visão de mundo configurando um espaço de troca, construção de conhecimento e compartilhamento de experiências.

Os temas presentes neste livro nos convidam a olhar para uma clínica engajada politicamente, que prima pela ética do cuidado, e que ultrapassa os muros de uma clínica tradicional e solipsista. É uma clínica gestáltica que ultrapassa fronteiras, que tem música, sons, que reverbera e que mobiliza o campo para abrir espaços para a novidade. É uma clínica do contato com o novo e do contato com o diferente!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS	
Kamilly Souza do Vale	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101	
CAPÍTULO 2	13
UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA	
Lázaro Castro Silva Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102	
CAPÍTULO 3	31
A VIOLÊNCIA COMO HÁBITO: LEITURA DE UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA TEORIA DO SELF	
Leda Mendes Gimbo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103	
CAPÍTULO 4	41
ESCUA MUSICAL, ESCUTA CLÍNICA: PASSAGENS	
Alberto Heller	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104	
CAPÍTULO 5	53
VIDAS NAS RUAS: VULNERABILIDADES E POTÊNCIAS EM UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA	
Isaura Caroline Abrantes Silva	
Welison de Lima Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105	
CAPÍTULO 6	67
EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO	
Natascha Bravo de Conto	
Dafne Thaíssa Mineguel Assis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106	

CAPÍTULO 7	80
AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA	
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107	
CAPÍTULO 8	93
UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS VENEZUELANAS NO BRASIL	
Elis Moura Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108	
CAPÍTULO 9	105
A CONFLUÊNCIA E O OBSTÁCULO DE CARÁTER AFETIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Ana Karina El Messane	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109	
CAPÍTULO 10	116
SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA	
Wanne de Oliveira Belmino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010	
SOBRE OS ORGANIZADORES	129

UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA

Lázaro Castro Silva Nascimento¹

Certamente esta é uma das escritas mais complexas que desenvolvi em minha carreira até aqui. Gostaria de iniciar o texto com estas palavras por se tratar de um caso clínico muito significativo no meu processo de formação como Gestalt-terapeuta e como cuidador. Este capítulo tem dois objetivos centrais: 1) narrar a experiência de atendimento gestalt-terapêutico de Franklin; e 2) apresentar o mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico.

Para o primeiro objetivo, será apresentado o caso clínico de Franklin, com detalhes e contornos técnicos e teóricos, respeitando todas as questões éticas e humanas no que diz respeito à apresentação de uma história tão sensível. Para o segundo objetivo, será discutido brevemente o que é o “mapa de uma palavra” como proposta de fechamento de um ciclo terapêutico com a alta dos atendimentos. Neste texto, a literatura da Gestalt-terapia é utilizada não de forma extensiva, mas como suporte epistemológico para algumas discussões.

Ressalta-se ainda que a descrição de um caso clínico está inserida entre as práticas de pesquisa com menos força quanto às evidências científicas. Isso acontece pela impossibilidade de generalização direta das informações contidas no relato para outros casos semelhantes. Assumir isso é importante, considerando-se que o objetivo central deste trabalho *não é* criar diretrizes sobre essa população ou esse tipo específico de atendimento.

Ainda assim, os casos clínicos são um espaço poderoso de construção de conhecimento, reflexão e problematização entre pares. Como já nos disseram Ginger e Ginger (1995), o Gestalt-terapeuta “trabalha com o que ele é, tanto quanto com aquilo que sabe, em seu próprio estilo, integrando sua experiência pessoal e profissional anterior e confiando em sua própria sensibilidade e criatividade específicas” (GINGER; GINGER, 1995, p. 30). Dessa forma, vale lembrar que este é um texto escrito por um Gestalt-terapeuta e que provavelmente será lido, em sua magnitude, por outras e outros Gestalt-terapeutas com formação semelhante.

1. Gestalt-terapeuta. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Musicoterapeuta (CPMT 346/20-PR) graduado pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e psicólogo (CRP-08/20085) graduado pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

1 | PRIMEIRO ATO: O CASO FRANKLIN

Franklin² chegou para o atendimento de psicoterapia particular em 21 de novembro de 2017, a partir de um encaminhamento feito por uma universidade pública. A instituição havia solicitado o apoio de profissionais que tivessem passado por lá em nível de graduação e pós-graduação e que pudessem ofertar seus serviços a partir de um trabalho de clínica social. Assim, a mãe do rapaz fez contato comigo e agendamos nossa primeira sessão.

Apresentar Franklin é importante. Ele é um homem cisgênero, heterossexual, negro, de classe média baixa e umbandista, tinha 22 anos quando iniciou o trabalho psicoterapêutico e estava solteiro. Morava com a mãe e um irmão mais novo na região metropolitana de Curitiba e informou ter como ocupação central os recursos financeiros advindos da venda de substâncias ilícitas. Informou também que o pai havia falecido quando ele tinha 3 anos de idade. Havia saído da escola sem completar o ensino fundamental, comunicando posteriormente ter o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), além de fazer uso de substâncias entorpecentes.

O trabalho foi realizado a partir de psicoterapia semanal, com duração de 50 minutos/sessão, entre o período de novembro de 2017 e setembro de 2020, totalizando 112 sessões. A orientação da Gestalt-terapia e algumas intervenções em musicoterapia foram os fundos teórico-clínicos que guiaram a *praxis* terapêutica. Como disseram Perls, Hefferline e Goodman, a “psicoterapia é um método não de correção, mas de crescimento” (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p. 51), de forma que foi essa a diretriz central em todo o processo.

Em todos os atendimentos realizados, foi utilizada sistematicamente uma estratégia de finalização de sessão, solicitando a Franklin que respondesse de forma intuitiva, com pouca elaboração intelectual, à pergunta: “Se tu pudesses encerrar a sessão de hoje com uma palavra, que palavra seria?”. Todas as palavras foram registradas imediatamente após o atendimento, junto com um relato de experiência acerca do que havia sido trabalhado. Com isso, ao final do primeiro arco de atendimentos de Franklin, foi construído um “mapa de uma palavra”, que é apresentado no segundo tópico deste capítulo.

Metodologicamente, vale informar que, para narrar o caso clínico de Franklin, serão apresentados excertos desses relatos de sessão, a partir dos registros feitos. Eventualmente, em alguns fragmentos clínicos, serão utilizados termos de forma *ipsis litteris*, também respeitando fenomenologicamente a sua experiência como pessoa atendida.

1.1 O início: primeiras impressões

O primeiro encontro que tive com Franklin me deixou aflito e com medo. Ao mesmo tempo, senti-me desafiado e com um pensamento muito forte de que as experiências

2. O nome Franklin foi escolhido pelo próprio paciente quando solicitei consentimento para a escrita deste trabalho. Esse nome faz referência ao personagem Franklin Saint de *Snowfall* (2017–presente), série exibida na Netflix.

que vivemos na clínica gestalt-terapêutica são parte do fenômeno de campo. Se Franklin chegava para ser atendido por mim, algo haveria de se produzir do nosso processo de cuidado. A sessão correu da seguinte forma:

Franklin iniciou me contando que era usuário de drogas. Falou de *cannabis* e drogas sintéticas. Contou que as usa desde os 13 anos e faz “corres”. Senti-me aflito em alguns momentos. Franklin disse que já cometeu furtos, mas que não roubava “trabalhador”. Falou que veio para a terapia porque é o único espaço em que as pessoas não o julgam. Contou se sentir sozinho e que sente muita solidão desde sempre. Emocionou-se ao falar disso. Falou da mãe e chorou bastante, disse que ela era guerreira. Franklin falou sobre a umbanda, sobre ser filho de Oxossi. Disse ter sentido confiança em mim e explicou que, nas outras vezes, foi preciso 5 sessões para se abrir. Contou de sua variação de humor e disse que estava disponível para acompanhamento psiquiátrico. Falou que o pai é falecido e que tem 5 irmãos, cada um de uma mãe diferente. Finalizou com “gratidão”, e eu com “desafio”. (Sessão 1).

Precisei fazer alguns acordos iniciais com Franklin para a manutenção do trabalho. Entre eles, o de que não traria quaisquer substâncias quando viesse para nosso *setting*. Apesar das questões legais e penais acerca de alguns de seus relatos, minha percepção era a de que Franklin se comportava exatamente como qualquer pessoa com um olhar empreendedor do mundo. Suspendendo a moralidade e observando a sua conduta, havia um relato sobre o desejo de crescer, de expandir negócios e a ideia de prosperidade econômica, marcas da nossa sociedade capitalista e liberal. Essa percepção me permitiu olhá-lo não dentro dos rótulos sociais, mas através disso.

Outrossim, importante é que, mesmo que um olhar mais psicopatologizante automaticamente encarcerasse Franklin na ideia de “dependência química”, os relatos que trazia não condiziam com um adoecimento como se compreende de forma biomédica. Havia funcionalidades importantes em seu uso de substâncias e havia também um fundo emocional marcado e um histórico que respondiam seguramente a *para que e por que* ele usava tais substâncias, de forma que, deliberadamente, optei por acompanhá-lo sob uma perspectiva das políticas de redução de danos.

Nas sessões iniciais, ocupei-me de conhecer mais sobre a rotina de Franklin, explorar quais eram seus gostos, seus incômodos, sua vida e sua perspectiva. Trabalhamos usando um curtograma com os quadrantes “gosto e faço”, “gosto e não faço”, “não gosto e faço” e “não gosto e não faço”, a fim de explorar áreas de sua vida. Percebi, então, que havia bastante ambivalência em seus movimentos, com conflitos morais entre bem e mal, certo e errado:

[...] Franklin falou que se satisfazia fazendo coisas ruins. Ao mesmo tempo, falou que gostaria de sair do tráfico de drogas e ser uma “pessoa boa”. Fizemos uma fantasia guiada de integração. Franklin falou se ver como “Franklin traficante”, usando roupas pretas, rodeado de pessoas, sempre

ativo. O “Franklin bom” estava com roupas claras, porém sem muita forma. Falou o quanto é difícil para ele atender às expectativas das pessoas quando tenta ser uma boa pessoa [...]. (Sessão 5)

Essas polaridades foram sendo exploradas ao longo das nossas primeiras sessões. Franklin enfatizava profundamente que possuía um “bom coração” e que, apesar das suas ações, experienciava que havia um outro jeito de ser, mas ainda difuso. Polster e Polster ensinam sobre as polaridades:

Essas cisões dentro do indivíduo podem prendê-lo na ambivalência ou confusão ou podem impeli-lo à resolução apenas para se livrar da incerteza. [...] A necessidade básica quando se trabalha com polaridades é recuperar o contato entre as forças opostas. Uma vez que o contato entre essas partes seja estabelecido, cada parte da luta pode ser experienciada como um participante válido. (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 249-250)

Parte do seu conflito surgia por se sentir mal e desconfortável frequentando espaços de espiritualidade estando envolvido com a venda de substâncias ilícitas, sendo esse retorno aos terreiros de umbanda um ponto fundamental, a meu ver, para o que começou a ser o seu processo de mudança. Parece óbvio, mas é fundamental ressaltar a necessidade de respeito à espiritualidade/religiosidade apresentada pelo cliente em um processo gestalt-terapêutico, como discutido por Nascimento (2015). Ênfase, em especial, esse respeito com relação a religiões não hegemônicas no Brasil, como as de matrizes africanas.

Outras questões que logo apareceram no início do seu processo terapêutico diziam respeito à relação com sua mãe, bastante conflituosa e ambivalente. Franklin transitava entre criticar a mãe e se emocionar profundamente narrando o quanto a admirava e queria que tivesse orgulho dele. Havia também uma permanente desresponsabilização sobre alguns de seus atos, sendo frequente o processo de não assumir os próprios erros e projetá-los em outras pessoas. Franklin trouxe também um relato sobre históricos de internações que havia experienciado como adolescente.

Algo que também merece destaque concerne ao alto comprometimento com a psicoterapia. Franklin era enfático ao afirmar: “Venho, faça chuva ou faça sol” e era um paciente extremamente pontual, com raríssimas faltas e sempre justificadas, respeitoso e seguidor dos acordos ou rearranjos que fazíamos sempre que necessário. Essa era uma marca muito evidente da construção de um vínculo terapêutico e da confiança depositada no processo.

Apesar de ser um tema pobremente discutido em Gestalt-terapia, Yontef (1998) menciona, ao discutir o gerenciamento de um *setting* gestalt-terapêutico, que “o acerto do pagamento pode variar, e não existe um estilo especial em Gestalt para isso, exceto direto e sincero. [...] A clareza de fronteiras é enfatizada, e tanto o paciente quanto o terapeuta têm responsabilidade pelo trabalho a ser realizado” (YONTEF, 1998, p. 58).

No caso de Franklin, eu incluiria sua mãe a essa de ideia de Yontef. A mãe de Franklin executava os pagamentos sem atrasos, com alto nível de comprometimento e, sempre que possível, com palavras de gratidão. Esse é um dado importante para entendermos que o trabalho clínico não acontece unicamente na presença do encontro, mas nas ressonâncias que este gera e em suas reverberações na vida da pessoa atendida, incluindo sua família e suas redes de suporte.

1.2 Aprofundando: para além do que se pode ver/ouvir

Com o andamento do processo terapêutico, fui percebendo muitas nuances de Franklin. Usei como estratégia clínica de presentificação a intervenção verbal, logo nos primeiros minutos da sessão: “O que tu queres trabalhar na sessão de hoje?”. Isso convoca o paciente a dar um contorno específico para a temática que será discutida, respeitando, assim, sua autonomia para hierarquizar suas necessidades e eleger o tema mais importante naquele momento.

Dessa forma, muitas temáticas foram surgindo fora do campo da adição ou de suas atividades ocupacionais. Franklin trouxe um profundo sentimento de solidão, informando também se sentir incompreendido, abandonado pelo seu círculo familiar estendido e com queixas sobre relacionamentos amorosos. Trouxe, por diversas sessões, o que dizia ser “uma relação difícil com as mulheres”, enfatizando o término de um namoro que o tocava demasiadamente. Em uma sessão, falou sobre uma carta que havia escrito:

Franklin iniciou com a carta que escreveu para Melody³. Pedi que lesse a carta. Franklin leu de um jeito muito sereno, diferente da postura defensiva que costuma ter. Falou da música “Radin” da banda 1Kilo Oficial. Ouvimos juntos a música. Franklin cantarolou alguns trechos, e eu vocalizei junto a melodia. Falou que gostaria de entregar a carta para Melody e perguntou o que eu achava. Percebi, nesse momento, Franklin como um adolescente, muito diferente de todo o perfil que a vida adulta com o tráfico trazia. Falou de outras meninas. Falou sobre ter voltado para a escola, mas disse que não gostava das pessoas de lá, desqualificando-as. Conversamos sobre essa desqualificação. Finalizou com “reconstituição”. (Sessão 13)

Ainda que com dificuldade de assumir isso em voz alta, Franklin destacava como a relação acima mencionada era importante para ele. Trouxe, então, uma informação preciosa: a de que, quando estava envolvido amorosamente, percebia que usava menos substâncias químicas, apontando para uma perspectiva do abuso de drogas como preenchimento afetivo. Trabalhamos de forma dialógica refletindo sobre o que significava para ele um relacionamento amoroso, quais os seus objetivos com isso e como se comportava afetivamente nesses espaços.

Além do relacionamento amoroso, insisti com Franklin para um retorno às atividades

3. Nome alterado também dentro da narrativa de *Snowfall*. Melody Wright é o nome de uma namorada do personagem Franklin Saint na história.

escolares. Quando me contou sobre o diagnóstico de TDAH, achei que seria ainda mais importante incentivá-lo, destacando sua capacidade cognitiva, mas também o quão importante seria a medicação. Franklin mencionou o receio de utilizar medicação e de que seus amigos soubessem que o fazia. Com algum diálogo, acordamos que fosse a um psiquiatra. Nesse meio tempo, Franklin retomou seus estudos no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que é feito por disciplinas e com mais flexibilidade.

Franklin iniciou falando que estava surpreso por estar gostando de ir para a escola. Disse que estava estudando as disciplinas de artes e educação física. Falou também sobre o período em que ficou internado. Emocionou-me quando disse que fugia da casa de reabilitação, andava quase 50 km e que era para sua casa que ele voltava. Disse não saber pelo que voltava, concluindo, em seguida, que era para poder ver sua mãe, mesmo que fosse ela quem iria levá-lo de volta. Franklin falou com muito amor sobre sua mãe. Falou também sobre a relação com espiritualidade, mas dizendo que sempre “as coisas” aconteciam e ele não podia ir ao terreiro. Pontuei como era escolha dele responsabilizar-se ou não por isso. Franklin finalizou com “responsabilização”. (Sessão 22)

Durante as sessões, Franklin dividia comigo como era difícil ter uma rotina e dizia que ir, regularmente, para a terapia era um passo inicial. Construímos um cronograma simples com papel e caneta, destacando atividades semanais, que incluíam a terapia, a ida ao terreiro, a escola e outras atividades que Franklin julgasse pertinentes e que lhe interessassem. Nesse período, ele iniciou a busca por emprego e frequentemente trazia o relato de que isso era difícil. Chegou a iniciar a venda de ingressos para *shows* noturnos e enfatizava como era bom ser remunerado de forma honesta.

Um conflito crescente passou a aparecer entre sua espiritualidade e a venda de substâncias. Franklin narrava como era conflituoso se desligar do que fazia “de errado” e passar a fazer o “certo”. Conversávamos com frequência sobre a importância do terreiro em sua vida, em especial porque aquele era um espaço em que Franklin respeitava as hierarquias dos dirigentes. Outro ponto de embate constante era a relação com sua mãe, com discussões frequentes, que aconteciam, sobretudo, por Franklin fumar *cannabis* e sua mãe discordar de sua atitude. Ainda assim, era frequente o seu movimento de incompreensão e de enfatizar que “nada” havia de errado nisso.

Franklin iniciou falando que havia ficado com algumas meninas e que não estava mais usando o parâmetro de buscar Melody. Falou que se sentia melhor ao se relacionar dessa forma com as mulheres. Perguntei se isso incluía sua mãe. Franklin ficou com a postura agressiva. Falou em tom de deboche sobre a relação com a mãe ter falhado no passado e disse que, por isso, hoje nada podia ser feito. Trabalhamos longamente sobre como Franklin a culpava por não ter lhe dado afeto. Franklin falou que sua mãe só lhe dava casa, comida e educação por obrigação. Questionei isso, confrontando com algumas informações que eu tinha. Franklin reconheceu que a mãe lhe amava, mas que, para ele, isso não era suficiente. Falou sobre o desejo de

formar uma família para ressignificar o que viveu com a sua. Finalizou com “relacionamento”. (Sessão 34)

Em nosso 35º encontro, a relação com sua mãe ficou ainda mais intensa. Franklin iniciou narrando que ela era “só uma amiga”, referenciando o termo “amiga” como inferior a “mãe”. Pedi que se concentrasse no que me dizia enquanto dividia comigo. Disse se sentir confuso, com raiva e perdido. Seguindo seu fluxo de consciência, Franklin afirmou: “Minha mãe não é só uma mãe... ela viveu tantas coisas comigo... ela é minha amiga! Tudo que ela fez por mim... e eu nunca dei orgulho para ela... Minha mãe sempre viu essa partezinha boa [de] que você falou em mim!”. Todas essas falas foram proferidas enquanto segurava sua mão sobre o próprio peito, com a respiração pesada e um choro copioso e profundo, repleto de emoção e expressão.

Nas sessões que se seguiram, conversamos sobre os caminhos para concluir os ensinamentos fundamental e médio, sobre a entrada na universidade, mesmo que isso parecesse algo longínquo para ele, sobre sua sensação de “ser um bosta” na escola e, em especial, sobre a relação que havia tido com o teatro alguns anos atrás. Franklin contou que atuar era uma das coisas que fazia que sentia ser positiva, não sendo parte do seu “mundo errado”. Dividiu comigo como era constrangedor quando estudava na escola em que sua mãe era professora, dizendo que ficava triste por decepcioná-la e envergonhá-la frente às amigas e colegas.

Exploramos juntos vários projetos existenciais de Franklin, que pareciam escondidos e guardados do mundo, sendo acessados raras vezes e apenas por ele. Entre esses sonhos, Franklin compartilhou comigo que era apaixonado por cozinha e queria ser cozinheiro. Disse-me que, “mesmo que digam que cozinhar é coisa de viadinho, as minas piram quando sabem que eu cozinheiro”, e rimos juntos de como Franklin sempre achava uma forma de ser conquistador com as mulheres. Na sessão 39, trouxe falas que me marcaram profundamente: “Este é um Franklin guardadinho, é um segredo, só mostro pra quem eu confio”, seguida de “Eu quero mostrar pra essas pessoas que eu sou mais do que o que elas dizem”. Falou orgulhoso, durante a sessão, sobre culinária italiana, culinária de doces *gourmet* e sobre como começava a pensar-se como empreendedor.

Sobre a relação com sua mãe, optamos por fazer um encontro em conjunto. Convidei-a para a sessão e trabalhamos a relação de ambos. Havia muita tensão no atendimento, então pedi que escrevessem três características um do outro e que fôssemos conversando sobre elas. Percebi que, ainda que conflituosa, a relação entre ambos era regada de afetos. É importante reconhecermos que o processo psicoterapêutico encapsulado em uma sala de atendimento individual possui suas limitações e, na medida do possível, expandi-lo para a vida da pessoa atendida pode promover mudanças significativas.

Diversas autopercepções de Franklin foram trabalhadas nesse período. Entre elas, a ressignificação da ideia de que “eu já faço tudo errado, não tenho mais jeito”, sendo

progressiva e cuidadosamente transformada em “eu fumo maconha, mas não é tudo o que eu quero fazer da minha vida”. Franklin começou a buscar emprego e a falar enfaticamente de como gostaria de trabalhar.

Em nossa sessão de número 49, Franklin contou que usava drogas diversas há cerca de 10 anos, mas que não queria mais isso para sua vida. Disse-me: “Quero sair do uso compulsivo para o uso recreativo”. Contou-me que havia regularizado alguns documentos, com certa insistência, e explicou-me porque havia raspado o cabelo: as tranças pareciam incomodar nas seleções de emprego que fazia. Senti-me impotente com sua narrativa, tão crua e real de uma sociedade racista como a nossa. Conversamos longamente sobre racismos e sociedade. Como já apontou Djamilla Ribeiro: “o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? [...] O antirracismo é uma luta de todas e todos” (RIBEIRO, 2019, p. 14-15).

1.3 A ruptura: o que fazemos com aquilo que fizeram de nós

No final de novembro de 2018, recebi uma mensagem da mãe de Franklin me comunicando que ele havia sido preso. Essa ruptura no processo terapêutico me tocou profundamente. Tive, inicialmente, a sensação de que todo o trabalho com ele havia sido perdido e, como cidadão brasileiro, imaginei que o sistema penal seria cruel com alguém com suas características. Indaguei-me sobre os meus valores éticos, sobre minhas concepções de mundo, sobre questões legais da minha atuação profissional e sobre o que eu deveria fazer.

Seguindo uma orientação jurídica solicitada por sua mãe e por seu advogado, que fez contato comigo, construí um parecer técnico que deveria ser apresentado ao juiz responsável pelo caso de Franklin como parte da defesa. No parecer, informei, respeitando todas as normativas técnicas do Conselho Federal de Psicologia vigentes à época, questões do processo terapêutico, avanços, desafios e como compreendia sua situação. Marquei uma sessão com sua mãe para que me explicasse a situação:

Cissy⁴ veio ao consultório me contar sobre a situação de Franklin e pedir uma orientação quanto ao que deveria fazer. Falou que estava se comunicando com Franklin por cartas e que isso aliava o seu coração. Conversamos longamente sobre todo o contexto. Cissy leu uma carta de Franklin em que ele se responsabilizava pelo que havia feito e mencionava o desejo de sair da cadeia e do tráfico. Pontuei para Cissy sobre a importância de manter esse canal afetivo aberto com Franklin. Falamos do relatório que eu fiz e da expectativa de que ele possa sair da cadeia. Cissy mencionou que o meu trabalho com Franklin era muito importante. Esse encontro mexeu muito comigo. (Sessão em 4 dez. 2018)

Em Gestalt-terapia, estamos inteiros nas relações, estamos genuinamente

4. Nome também alterado dentro da narrativa de *Snowfall*. Cissy Saint é o nome da mãe do personagem Franklin Saint na história.

envolvidos com as pessoas de quem cuidamos e com quem também nos desenvolvemos, a partir de suas narrativas. Aos olhos e ouvidos destreinados, o que parece apenas um encontro semanal de 50 minutos cronometrados de um grande *blá blá blá*, na verdade, torna-se um entrelaçamento profundo de vidas. Com isso, os sofrimentos também nos atravessam. Polster e Polster nos contam sobre sermos nosso próprio instrumento de trabalho como gestalt-terapeutas, afirmando que

do mesmo modo que o artista que pinta uma árvore tem de ser afetado por essa árvore específica, também o psicoterapeuta precisa estar ligado à pessoa específica com quem ele está em contato. É como se o terapeuta se transformasse numa câmara de ressonância para o que está acontecendo entre ele e o paciente. Ele recebe e reverbera o que acontece nessa interação e o amplifica de modo que se torne parte da dinâmica da terapia. (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 35).

Introduzo teoricamente essa discussão porque acredito que seja uma base para facilitar a compreensão sobre quão marcante a experiência de um paciente pode ser para nós terapeutas. O processo de confluência funcional existe nas relações de cuidado, e é no “nós” que as histórias clínicas acontecem. Delacroix fala sobre as “terceiras histórias” que se criam em processos terapêuticos:

O processo terapêutico passa por esse reconhecimento e é expresso pelo maravilhoso e pelo deslumbrante. Esta abordagem testemunha uma grande novidade: “a terceira história”, aquela que se tece momento a momento entre o paciente e o terapeuta. É outra história, aquela que faz a história anterior chacoalhar. Esses momentos são fundamentais para a transformação do vínculo terapêutico e do ser. O paciente e o terapeuta estão então ligados no mesmo momento por um vínculo que estabelece aquela consciência-sensação comum: [...] Ambos estão em um estado de consciência aumentada. (DELACROIX, 2006, p. 125-126, tradução livre)

Após alguns meses, fui informado de que Franklin havia saído da cadeia e de que gostaria de retomar o processo terapêutico. Sua postura estava diferente e profundamente fechada. Percebi que seu momento exigia ainda mais delicadeza de minhas intervenções e um cuidado ainda mais amoroso, ainda que frustrador, como fazemos em Gestalt-terapia. Em nosso terceiro encontro após essa ruptura, discutimos suas emoções e suas relações interpessoais.

Franklin iniciou muito rígido, falando sobre sua rotina, com uma postura muito ensimesmada. Falou sobre como estava, como se estivesse sendo fácil. Conversamos sobre isso. Perguntei como havia sido o tempo na cadeia. Franklin foi duro, colocou-se no lugar de que havia sido difícil, mas não tanto. Insisti sobre como o sentia dessensibilizado. Franklin respirou profundamente. Começou a falar sobre como era difícil para ele acessar suas emoções. Conversamos longamente. Perguntei a ele porque achava que eu o atendia. Franklin não soube dizer. Ficou várias vezes centrado em si mesmo. Pontuei para ele como percebia que parte da sua solidão era por ele estar dentro da

própria armadura, protegendo-se do mundo. Mais do que ser amado e se amar, sua grande tarefa seria gostar de outras pessoas. Franklin concordou, falou sobre como era difícil confiar e estar com outras pessoas. Finalizou com “futuro”. (Sessão 53)

Algumas semanas depois, recebi uma intimação do juiz responsável pelo julgamento de Franklin e, por inexperiência, fiquei bastante assustado. Tive medo por não saber até que ponto poderia expor sua vida ou agravar sua sentença. Ao informar Franklin sobre o ocorrido, sua postura foi de desdém. Expressou com agressividade que esse não era um problema seu. Nesse momento, senti-me abandonado por Franklin e, então, segui a orientação de Polster e Polster:

O reconhecimento da centralidade da própria experiência do terapeuta existe não só na Gestalt-terapia. [...] Quando o terapeuta entra em si mesmo, não está apenas tornando disponível ao paciente algo que já existe, mas está também auxiliando a ocorrências de novas experiências, baseadas em si mesmo e também no paciente. [...] O terapeuta muda. (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 37-38)

Parte do que fazemos em Gestalt-terapia é usar os sentimentos que nos são mobilizados como parte de uma complexa cadeia de intervenção/interação no desenvolvimento humano. Assim, pontuei para Franklin como era importante que saísse de si e pudesse ver no seu entorno quantas pessoas estavam cuidando dele, incluindo-me nesse rol de cuidadores. Franklin ficou constrangido. Alguns encontros se seguiram, em que a cada vez sua consciência era maior acerca de suas dificuldades interrelacionais. Disse-me, em nosso 56º encontro: “A gente passou um ano e meio de terapia pra podermos chegar nesse problema: eu não confio nas pessoas, eu não consigo me abrir com as pessoas [...]. Pra mim, é difícil me abrir. Eu prefiro não me abrir, me dá um alívio... mas eu me sinto sozinho”.

Franklin passou a expressar abertamente o seu medo de se abrir com as pessoas, de confiar em pessoas e mesmo de estar com pessoas. Após a saída da cadeia, isso havia se intensificado. Seu receio era permanente de que houvesse um agravamento em sua sentença e de que pudesse voltar a ficar preso, tendo sido esse o momento em que decidi não mais fazer parte da venda de substâncias ilícitas e seguir fazendo cursos livres na área de culinária.

1.4 A transformação: oportunidades no campo

Entre as tantas teorias que sustentam a Gestalt-terapia, temos a teoria de campo. Yontef (1998) discorre que “um campo é uma teia sistemática de relacionamentos”, “os fenômenos são determinados pelo campo todo” e “o campo é uma fatalidade unitária: tudo afeta todo o resto no campo” (YONTEF, 1998, p. 211). Ao longo de todo o trabalho com Franklin, eu recorri a colegas gestalt-terapeutas mais experientes, não somente em

supervisão, mas também em diálogos sobre o seu caso, sobre dúvidas que tinha e também como forma de socialização das minhas angústias.

Nessa conexão de campo, em que todas as partes se entrelaçam, uma amiga querida me informou que conhecia um projeto social na América Latina que buscava transformar a vida de jovens em situação de vulnerabilidade por meio da gastronomia, sendo Curitiba uma das cidades-sede do projeto. Disse-me que as inscrições haviam encerrado poucos dias antes, mas que sabia com quem falar, e, algumas ligações depois, contou-me que havia conseguido uma vaga para Franklin. Liguei para ele empregado e demos *start* a uma iniciativa audaciosa: reinserção social.

Com isso, Franklin passou a fazer parte de um projeto com grandes nomes da gastronomia curitibana e brasileira. A ideia central era capacitar profissionalmente jovens para o trabalho na cozinha. À época, o programa já havia qualificado mais de 250 alunos em todo o território da América Latina, e essa era uma oportunidade de ouro para agarrarmos. Franklin seguiu nas sessões comigo.

No início da sessão, falei que haviam me ligado do projeto social, preocupados com uma situação de agressividade de Franklin. Franklin ficou bastante irritado, socou a poltrona, começou a se emocionar. Pontuei para ele a importância do que lhe dizia sobre a ligação e mencionei que eu estava do seu lado. Franklin começou a se justificar. Comecei a cantar a música "Mais uma vez", da Banda Legião Urbana. Franklin cantarolou em seguida "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã" e chorou profundamente. Chorou e disse o quanto era difícil amar as pessoas, o quanto sofreu em sua vida, o quanto não foi amado e como não confiava nas pessoas. Franklin falou sobre sua dificuldade de ter empatia comigo e com os outros. Relembrou a audiência em que eu havia sido convocado e o fato de que não tinha se importado comigo. Franklin me disse que eu consegui perceber que o que ele precisava era de amor. Finalizou com "alívio" e "desconforto". (Sessão 58)

Em Musicoterapia, temos muitas intervenções para promover expressão de sentimentos. Além disso, temos o reconhecimento de que "a voz é um instrumento primário em musicoterapia. É o instrumento com o qual nascemos" (AUSTIN, p. 19, tradução livre). Bruscia (2016) também nos conta que, entre as experiências musicais, temos a recriação e, em específico, a "recriação vocal", em que paciente e musicoterapeuta vocalizam materiais musicais pré-existentes com os fins terapêuticos que se queira alcançar. Ao perceber Franklin tomado por raiva, optei por arriscar-me nas melodias de "Mais uma vez" e convidá-lo a cantar comigo, sem palavras ou instruções, mas de forma intuitiva.

Franklin entoou, então, a música "Pais e filhos", também de Legião Urbana, muito provavelmente sem perceber que se tratava de uma música diferente, enfatizando o refrão: "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã". Segui cantando com ele a música que trazia e, em seguida, caiu profundamente em lágrimas. Compreendo que esses encontros sonoro-musicais são particularmente importantes por escaparem da

racionalidade e nos permitirem contato com nossas emoções enquanto somos guiados por experiências musicais.

Franklin falou estar tentando conversar com as pessoas e se interessar por elas. Disse que ainda é difícil, mas que tem se esforçado. Falou sobre a escola e contou que está pensando em começar a vender comida. (Sessão 60)

Franklin chegou bastante atrasado. Contou que deu uma entrevista para a TV. Falou que foi elogiado por ser um “menino de ouro” e por suas competências na cozinha e que isso mexeu muito com ele. Chorou bastante ao falar sobre isso. Disse que tinha dificuldade em receber os afetos positivos e que estava se esforçando para isso. Narrou a experiência de ser um bebê após ter saído da cadeia. Finalizou com “difícil” e “gratidão”. (Sessão 61)

Nesse encontro – de número 61 –, pela primeira vez, Franklin disse: “Lázaro, você é muito importante pra mim!”, “Foi Deus quem colocou você na minha vida”, “você acreditou em mim” e narrou como ter ouvido “você é um menino de ouro” de uma das responsáveis pelo projeto o havia feito se ver como alguém “possível de dar certo na vida”. Para além de um destaque meramente narcísico nessas palavras de Franklin, enfatizando nosso trabalho, compreendo que o mais importante em sua fala foi reconhecer que estávamos juntos nesse processo, abrir-se para ser cuidado e verbalizar isso como reconhecimento.

As sessões que se seguiram trouxeram algumas mudanças. Franklin passou a distinguir satisfações não somente no uso de substâncias químicas, mas, em especial, fora desse espaço, como em algumas relações sociais. Disse que gostaria de ter mais satisfações sem essas substâncias, optando por fazer uso apenas de *cannabis* a partir desse momento. Contou-me que havia saído sua condenação e que isso trazia algumas consequências, mas também alívio para ele, por poder responder ao crime em liberdade. Fui comunicado também de que não mais precisaria responder à intimação do juiz e prestar depoimento.

Franklin foi narrando experiências de manejo de raiva, de conhecer limites, de “aprender a engolir sapos”, de lidar com as frustrações do cotidiano e foi resgatando os projetos existenciais que havíamos começado a construir antes de ele ser preso, como o de estudar. Encaminhei Franklin para uma colega psicopedagoga, que também aceitou atendê-lo por atendimento social. Ele, então, passou se preparar para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja):

São finalidades do Encceja: construir uma referência nacional de autoavaliação para jovens e adultos por meio de avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos em processo escolar ou extraescolar; estruturar uma avaliação direcionada a jovens e adultos que sirva às Secretarias de Educação para que estabeleçam o processo de certificação dos participantes, em nível de conclusão do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, por meio da utilização dos resultados do Exame. (BRASIL, s/d)

Comecei a trabalhar com Franklin quais ainda eram suas demandas psicoterapêuticas e o que ainda esperava com o processo terapêutico nesse ponto de sua vida. Ele disse entender que parte do nosso ciclo estava se fechando, mas que ainda havia temas a serem trabalhados.

Franklin falou sobre como estava, falou sobre a formatura do curso com desdém. Percebi que era difícil para ele comemorar suas vitórias. Trabalhamos isso durante toda a sessão. Franklin ficou emocionado quando cantei um trecho de “A estrada”, de “Cidade Negra”: “Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui”. Franklin disse que finalizar o curso de gastronomia seria a primeira etapa que concluía da sua nova vida. Disse que a próxima seria a prova do Encceja. Finalizou com “comemorar” e “conquistas”. (Sessão 67)

1.5 Algumas conquistas

Fui convidado por Franklin para sua formatura no projeto social. Foi emocionante ver a solenidade e vê-lo subir ao palco de dólma, uma roupa utilizada por cozinheiros. Outros eventos foram acontecendo, como Franklin buscar novas amizades, de pessoas não envolvidas com a venda de substâncias ilícitas, começar a fazer testes de vagas na área gastronômica e ter uma vida em família mais frequente, como viajar à praia e ir ao cinema.

Em uma sessão, contou-me sobre gostar de assistir desenhos, e rimos juntos sobre vários que eu desconhecia. Disse ter ido ao cinema ver um filme da franquia *Toy Story*, e fizemos uma audição musical da canção “Amigo, estou aqui”. Franklin emocionou-se ao ouvir a música e chorou. Contou que lembrava de todas as pessoas que passaram por sua vida, falando ainda sobre sonhos e projetos. Em nosso 75º encontro, Franklin dividiu comigo que havia conquistado uma vaga na área de cozinha. Parabenizei e celebrei sua conquista.

Franklin tinha várias tatuagens e algo muito simbólico aconteceu ao começar a ganhar dinheiro no seu trabalho com cozinha. Decidiu que iria cobrir algumas de suas tatuagens com o que havia ganhado de dinheiro de forma lícita. Apesar de parecer algo casual, senti o simbolismo que havia no processo de ressignificação de sua história até ali.

Franklin iniciou contando que havia resolvido a questão da carteira de trabalho. Trouxe a música de Gabriel o Pensador intitulada “No ritmo, no tempo”. Falou sobre cobrir sua tatuagem. Desenhou flores em cima. Dividi com Franklin a metáfora que isso me trazia sobre flores que finalmente desabrochavam. Falou sobre a prova do Encceja, disse que está confiante que irá ser aprovado. Falou sobre planos futuros e sobre afetividade. Disse que muito da sua mudança veio com autoconhecimento, pontuei também a sua mãe como grande suporte. Finalizou com “tempo”. (Sessão 77)

O relacionamento de Franklin com sua mãe também foi progressivamente mudando seus contornos. Ainda que os conflitos existissem, eles eram experienciados por tempos

menores e com mais espaço para diálogos. Franklin começou a trazer para as sessões problemas cotidianos de trabalho, como dificuldade com a equipe, questões sobre horários, sobre honorários, chefia e afins. Fizemos audição musical de algumas outras canções, a pedido de Franklin, funcionando como disparadores para algumas sessões. Entre os intérpretes, Marcelo D2, Racionais e Gabriel, o Pensador.

Analisar musicoterapeuticamente as escolhas musicais de Franklin foge ao escopo deste trabalho, mas vale dizer como os ritmos, as letras marcadas e as estruturas musicais eram sempre muito intensas. Via de regra, as canções trazidas por Franklin para a terapia vinham com bastante emoção. Em uma sessão, contou-me que estava dando um “cala a boca” na sociedade por estar fazendo as “coisas certas” e que nunca havia imaginado que chegaria até ali. Um ano havia se passado desde que havia sido preso.

Franklin entrou na sala e mostrou-me o resultado da prova do Encceja. Foi aprovado e certificado no ensino médio! Em seguida, mostrou-me seu celular com o informe de que havia sido aprovado no vestibular para gastronomia. Comemoramos juntos! Ouvimos a música de Mc Menor “Dominar o Mundo”. Franklin emocionou-se falando que havia conquistado o que queria e dado orgulho para sua mãe. Falamos sobre planos futuros, agora considerando a universidade. Finalizou com “graduação”. (Sessão 92)

As exclamações nesse excerto são pequenas perto da emoção que senti nesse encontro. Franklin havia sido certificado no ensino médio e também aprovado para o curso superior de gastronomia em Curitiba. Emocionou-se falando que sua mãe teria orgulho dele. Tivemos uma sessão em família após isso, com Franklin, Cissy e seu irmão mais novo, o que foi importante para que os três pudessem se ouvir sem brigas, diferentemente de como acontecia em casa.

1.6 O horizonte: fechando...

Muitas outras situações clínicas foram sendo experienciadas ao longo das sessões que se seguiram. Questões no trabalho, mudanças de rotina, mudança na frequência das sessões, o início das aulas de Franklin, seguido pela pandemia do coronavírus em 2020, a alteração para as sessões remotas e as incertezas de um mundo caótico, com diversas mortes, em especial no Brasil. Franklin foi entendendo que havia uma relação com sua mãe que era de hierarquia, mas não de forma dolorosa, e sim respeitosa. Sua relação com a *cannabis* também foi ficando diferente, com outra frequência e começando a pensá-la como um *hobby*.

Fomos percebendo, conjuntamente, que a hora de Franklin se afastar do processo terapêutico estava cada vez mais no horizonte do porvir. Estava chegando o momento de ele ter outras experiências e seguir o fluxo de sua vida, até que julgasse ser hora de voltar ou que a hora de voltar se impusesse. Suspendemos o processo terapêutico e, alguns meses depois, Franklin me contou que iria viajar, mas que, antes de se mudar de Curitiba,

gostaria de me dar um presente. Encontrei-me com ele e Cissy, recebendo um presente em forma de pães preparados por ele. Abraçamo-nos e fechamos esse arco do nosso encontro clínico.

2 | SEGUNDO ATO: MAPA DE UMA PALAVRA

A utilização do método de “uma palavra” ao final de atividades acadêmicas foi algo que aprendi no meu ciclo básico de formação em Gestalt-terapia, ainda em Belém-PA. Não sei atribuir autoria a essa estratégia pedagógica, mas penso que, eticamente, é importante referenciá-la no Centro de Capacitação em Gestalt-terapia (CCGT – Belém), carinhosamente na figura de Cintia Lavratti.

Quando iniciei meus atendimentos clínicos, optei por trazer essa ideia para um contexto de fechamento das sessões e comecei a usá-la de forma sistemática, como uma técnica própria, sendo a forma como optava por encerrar os encontros com as pessoas que eu atendia. Percebi que, ao final do processo psicoterapêutico, juntar todas essas palavras e entregá-las aos pacientes era uma forma de dar contornos sobre o que havia sido vivenciado e de criar um caminho interior de contato com tantas emoções, afetos e memórias.

Registro que usar intervenções de forma repetitiva e sistemática pode parecer rígido, chato ou até inconveniente para alguns pacientes. Nesses casos, não recomendo a utilização dessas estratégias, pois é preciso respeitar a subjetividade e as idiosincrasias presentes em cada relação. Com alguns pacientes, após perceber seus incômodos sobre isso ou mesmo por verbalizarem que não se sentem à vontade com esse experimento, a prática é suspensa. Com outros, por exemplo, ao solicitar-lhes uma palavra, estes também me solicitam uma, de forma que terminamos sempre com duas palavras de fechamento: uma do paciente e uma do Gestalt-terapeuta.

Ao longo dos anos, fui alterando a maneira de construir e usar o mapa de uma palavra. Inicialmente, apenas enfileirava as palavras, mas comecei a explorar, quase que de forma criativa e sem julgamentos estéticos, um modo de apresentá-lo de forma mais fluida. Assim, comecei a construir os mapas como espirais que apontassem para dentro e a utilizá-los na última sessão após a alta clínica⁵.

Não é um objetivo aqui discutir quando um processo termina, se termina permanentemente, se somos seres inacabados ou quaisquer discussões nessa direção. Apenas como guia teórico, lembro que com Perls, Hefferline e Goodman aprendemos que “não importa qual seja a teoria do ‘self’, assim como no início o paciente chegou por

5. Com Franklin isso não foi possível, por estarmos no modelo remoto. O seu mapa de uma palavra foi enviado posteriormente e, alguns meses depois, ele retomou o processo psicoterapêutico, inaugurando o segundo arco clínico, em que estamos no momento em que este texto é finalizado.

conta própria, do mesmo modo ao fim ele terá de ir embora por conta própria” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 63) e, como escolha individual, ele também pode voltar futuramente. A clínica gestalt-terapêutica é também sobre movimentos, passagens, travessias, idas, retornos e despedidas.

Abaixo, é apresentado o mapa que foi construído com Franklin.

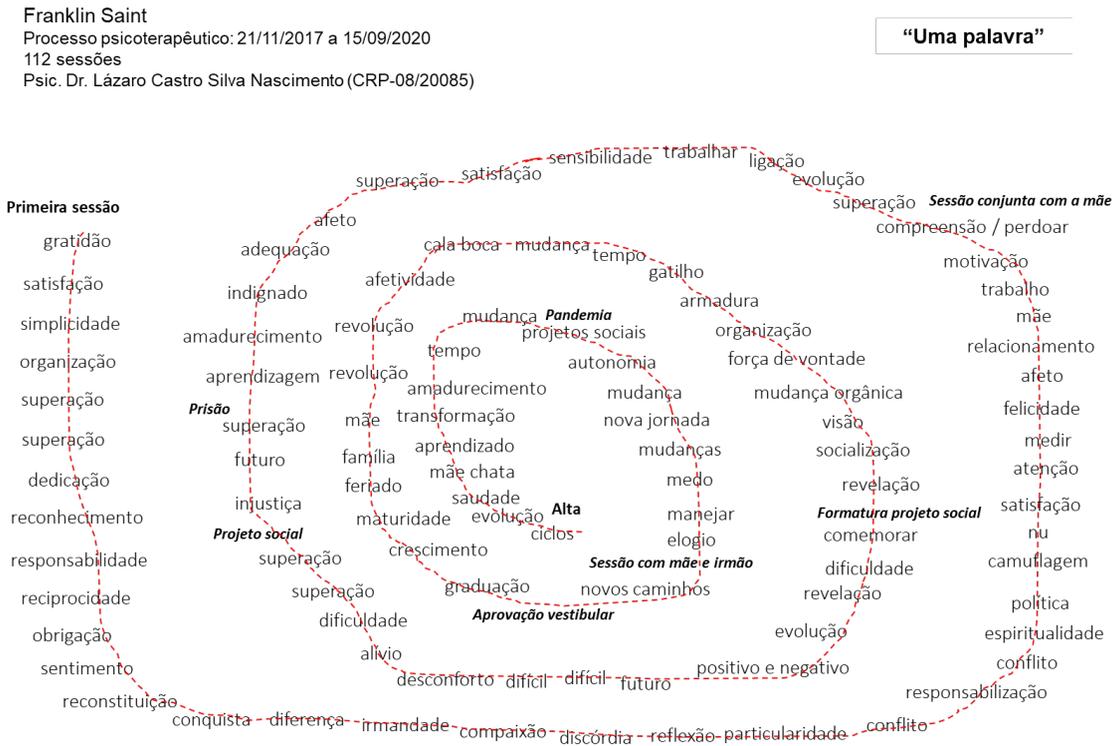


Figura 1: Mapa de uma palavra de Franklin Saint (2017-2020)

Como orientação a quem possa se interessar, esse mapa foi criado no *software Microsoft PowerPoint*, de forma bastante desburocratizada. Sei que existem programas de edição de imagem muito mais aprimorados, inclusive conhecendo suas ferramentas. Porém, optei por construí-lo de forma simples, para economia de tempo. As palavras são inseridas em forma de espiral, em seguida é inserida uma forma livre em formato de rabisco para guiar o traço das palavras e, ao final, é escolhido um tipo de linha pontilhado para demonstrar movimento. Simples e funcional.

Não tenho a pretensão de que outras pessoas façam igual, mas apenas de demonstrar que a criatividade é um dos elementos mais potentes que temos como Gestalt-terapeutas. Usamos nossas competências e habilidades individuais para construir os laços que nos conectam às pessoas de quem cuidamos. O mapa de uma palavra é um jeito

de fazer, próprio, particular e personalizado. Cada Gestalt-terapeuta pode encontrar sua própria estilística, respeitando os princípios técnico-teóricos da Gestalt-terapia.

Nesse sentido, vale lembrar que Laura Perls nos ensina que “a Gestalt-terapia é um processo anárquico no sentido de que não segue regras ou normas pré-estabelecidas. Não pretende adaptar as pessoas a nenhum sistema, mas sim adaptar as pessoas aos seus potenciais criativos” (PERLS, 1992, p. 31, tradução livre).

3 | ÚLTIMO ATO: AGRADECIMENTOS E CONSIDERAÇÕES

Não poderia finalizar esta escrita sem agradecer a Franklin e sua mãe, Cissy, por acreditarem no desenvolvimento desse encontro terapêutico que marcou e ainda marca tão profundamente minha jornada. Acredito ser fundamental também destacar o cuidado interprofissional que houve com Franklin, a partir do auxílio de colegas psiquiatra e psicopedagoga, ambos com formação em Gestalt-terapia, bem como de psicólogas e Gestalt-terapeutas que me apoiaram.

Penso ser importante considerar que alguns riscos foram corridos e que os desfechos do relato aqui apresentado poderiam ser totalmente diferentes, a depender de infinitas variáveis. Não há o objetivo de desresponsabilizar individualmente ninguém por atos que devem ser julgados pela justiça e por órgãos competentes, contudo, é importante lembrarmos que, como Gestalt-terapeutas, estamos a serviço do cuidado e do desenvolvimento orgânico das pessoas que atendemos. Nossa função não é julgar, mas cuidar e promover relações que permitam o desenvolvimento dos sujeitos que atendemos.

Tenho um incômodo pessoal com o relato de casos clínicos, por enfatizarem demasiadamente acertos e estratégias de intervenção que “deram certo”. Com isso, digo que há muitas intervenções que são equivocadas, que mais promovem violência que consciência, em que erramos e em que precisamos melhorar. Na minha história clínica, acumulo humildemente uma série de erros que me ensinaram a cuidar melhor das pessoas. Portanto, os excertos iluminados de crescimento e transformação que aqui foram descritos são apenas uma polaridade do processo complexo que é o fazer clínico gestalt-terapêutico.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, D. *The Theory and Practice of Vocal Psychotherapy: Songs of the Self*. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2008.

BRASIL. Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja>. Acesso em: 30 jun. de 2021.

BRUSCIA, K. E. *Definindo Musicoterapia*. 3ª. ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

DELACROIX, J. M. *La Troisième Histoire – Patient-psychothérapeute: fonds et formes du processus relationnel*. Escalquens: Dangles 2006.

GINGER, S.; GINGER, A. *Gestalt: Uma Terapia do Contato*. São Paulo: Summus, 1995.

NASCIMENTO, L. C. S. *Perspectivas Gestálticas Sobre Espiritualidade/Religiosidade*. Orientador: Adriano Furtado Holanda. 2015. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR). 2015.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, L. *Vivendo en los límites*. Valência: Promolibro, 1992.

POLSTER, E.; POLSTER, M. *Gestalt-terapia Integrada*. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

YONTEF, G. M. *Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1998.

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  @atenaeditora
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br